



Não dá para sair do morro:

pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre¹

Eduardo Zanella

Resumo O presente artigo se constitui como uma pesquisa etnográfica sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre uma rede de indivíduos que frequenta cotidianamente o mesmo bar, de caráter popular, localizado na cidade de Porto Alegre. Este estudo objetivou compreender as permissões e as transgressões que conformam as maneiras de beber dessas pessoas, bem como os valores que sustentam tais noções. O texto parte da conjuntura em que o consumo alcoólico é praticado nesse campo, de modo a se centrar no significado do bar para seus frequentadores e na qualidade de suas relações sociais. Constata-se que essa sociabilidade, ao denotar um pertencimento em relação ao bar e ao transcender o consumo de bebidas alcoólicas, é um valor fundamental para as maneiras de beber ali vigentes, definindo os modos positivos e negativos dessa prática. Por fim, trata-se das exclusões e das inclusões sociais que decorrem do consumo alcoólico nessa sociabilidade e conclui-se, então, que essas pessoas possuem suas próprias concepções sobre o consumo de bebidas alcoólicas, as quais constroem a partir de elementos que lhes são significativos.

Palavras-chave Consumo de bebidas alcoólicas; maneiras de beber; sociabilidade.

**The consumption of alcoholic beverages in a popular bar of Porto Alegre:
sociability and belonging in The conceptions of drinking**

Abstract *This paper is constituted of an ethnographic research about the consumption of alcoholic beverages between a network of individuals who customarily frequents the same bar, a popular establishment located in Porto Alegre. This study intended to understand the permissions and the transgressions that configure the drinking for*

these people, as well as the values that sustain such notions. The paper initiates from the context in which alcohol consumption is practiced, focusing on the meaning of the bar for their customers, and in the quality of their social relations. This sociability was considered, due to denote belonging in relation to the bar and to transcend the consumption of alcoholic beverages, a fundamental value for alcoholic drinking, defining positives and negatives modes for that practice. In the end, the focus was social inclusions and exclusions that result from the consumption of alcoholic beverages in this sociability. The conclusion was that these people have their own conceptions of the consumption of alcoholic beverages, which are built from elements that are significant to them.

Keywords *Consumption of alcoholic beverages; drinking; sociability.*

INTRODUÇÃO

O trabalho de campo foi realizado em um bar localizado na cidade de Porto Alegre e compreendeu os meses de março a junho de 2010.

É importante mencionar que meu contato com o Bar do Morro¹, estabelecimento onde este estudo foi realizado, remonta há seis anos, sendo anterior a esta pesquisa. Circulo normalmente pelo bar, e seus fregueses são pessoas cuja companhia me é familiar.

Desse modo, alguns exemplos e histórias mencionados neste artigo são referentes a esse tempo anterior de convivência, quando a postura etnográfica não guiava meu posicionamento nesse campo.

Assim, além da observação e participação no cotidiano do bar, das “interpelações” a seus frequentadores acerca de temas caros a este estudo, parte considerável desta pesquisa também consistiu em repensar conjuntamente com meus interlocutores tais histórias de tempos passados, então à luz de novas hipóteses e por meio de novos modelos interpretativos.

O interesse pela presente temática procede de certo desconforto em relação a alguns “testes de alcoolismo” veiculados pela indústria cultural e por organizações de saúde². Tais testes, supostamente fundamentados em saberes médicos, parecem-me pretensamente generalizantes, ao tentarem mensurar a relação entre

1 O nome do bar e o de seus fregueses foram alterados, bem como foi omitida sua localização. Tal atitude foi adotada por entender que a referência a esses dados não é pertinente para a argumentação desenvolvida no presente artigo.

2 Maurício Fiore (2002) expõe alguns desses testes, possíveis de serem encontrados também na revista *Veja*, na matéria “A bóia da prevenção”, capa da edição de setembro de 2009 (Lopes, 2009).

indivíduos e bebidas alcoólicas por meio de perguntas referentes a quantas vezes se bebe por dia ou por semana, em quais ocasiões, etc.

Este estudo se inspira na compreensão de que nem todas as pessoas avaliam sua relação com as bebidas alcoólicas a partir dessas referências e no entendimento de que há uma pluralidade de concepções possíveis acerca do que é “beber bem” ou “beber mal”. O consumo de bebidas alcoólicas, então, é pensado em sua dimensão social, quer dizer, como uma prática dotada de regras que, referenciadas por determinados valores, se referem a certos grupos ou coletividades. Tais regras orientam quem pode ou não beber, qual o tipo de bebida a ser consumida, em que situação, na companhia de quem, etc.

O conceito “maneiras de beber” de Neves (2003, p. 79) sintetiza bem essa abordagem: tratam de “construções sociais orientadas por atitudes e crenças que definem prescrições e proscricções”. A prática social de beber está, então, inserida em um conjunto de valores, representações e organizações sociais, e estas, por sua vez, nunca são as únicas possíveis: cada sociedade, grupo ou cultura elabora momentos, bebidas e lugares propícios para sua realização (Neves, 2003).

Assim, para compreender quais são os limites, os excessos e as permissões das maneiras de beber, é necessário tanto entender as relações entre essas noções, visto que são definidas pelo mesmo conjunto de valores, quanto situar o consumo alcoólico dentro da conjuntura particular em que sua prática se realiza. Isso implica não se ater às bebidas em si, mas atentar para sua relação com outros elementos importantes para a configuração do contexto em que seu consumo acontece.

É nesse sentido que este artigo se centra tanto na compreensão do significado do bar para as pessoas que ali bebem habitualmente como na sociabilidade que se origina a partir dessa prática. O esforço consiste, portanto, na investigação dos elementos a partir dos quais os frequentadores do Bar do Morro constroem as permissões e transgressões referentes aos usos e abusos do álcool.

O texto a seguir parte da descrição do bar e de sua clientela, de modo a destacar alguns estranhamentos e dificuldades que ocorreram durante o trabalho de campo. Entre elas, a atenção para as diferenças relativas ao tempo que eu e meus interlocutores spendíamos no bar e as compreensões e apropriações que seus frequentadores fazem de seu espaço.

Assim, após esse primeiro momento, na seção “Pedaço e Pertencimento”, trato dos significados do bar para essas pessoas, abordando o sentimento de pertencimento perceptível dessa relação. A identificação entre o bar e a sua freguesia exigiu uma análise centrada nessa sociabilidade “de bar”, foco da parte subsequente deste artigo, de título “Sociabilidade e Controle”. Por fim, em “Exclusão e Inclusão: o

Divergente”, trato do caráter das exclusões e das marginalizações que decorrem das maneiras de beber nessa sociabilidade.

O BAR E SUA CLIENTELA

O Bar do Morro é um estabelecimento comercial localizado no alto de um morro, pertencente a um bairro residencial, cujas edificações são constituídas por muitas casas e poucos edifícios. Ainda que o bairro conte com a prestação de serviços diversos, como oficinas mecânicas, ferragens, armazéns, farmácias ou mesmo escolas e igrejas, tais estabelecimentos não mobilizam um fluxo intenso de pessoas. O bairro é afastado do centro da cidade de Porto Alegre, e sua paisagem é composta por ruas largas e muitas praças, onde convivem pessoas oriundas de camadas “médias” e “populares”.

O Bar do Morro se destina prioritariamente à venda e ao consumo de bebidas alcoólicas. O estabelecimento compreende um armazém, uma lanchonete e o bar propriamente dito, localizado em seu espaço interno. O acesso a esse ambiente é uma característica marcante do lugar. Trata-se de uma porta estilo “*cowboy*”, como falam os fregueses. Ou seja, duas portas complementares, sem maçanetas, que não vão nem até o chão nem até o teto, bastando empurrá-las para entrar no local. Ao entrar é possível visualizar duas mesas de sinuca, posicionadas estrategicamente no centro do espaço. À esquerda, encontram-se mesas e cadeiras para sentar, junto de pequenos armários em que alguns fregueses guardam seus tacos de jogar sinuca. À direita, fica o balcão, onde há dois objetos peculiares: uma moeda de um real colada em sua pedra de apoio (para enganar os “bêbados”, que ficam tentando pegá-la) e uma placa de madeira pendurada em sua grade, na qual se lê “canto do bebum – proibido pra chato”.

Nesse bar se praticam costumeiramente dois jogos: a sinuca e a escova³. Para a sinuca, há uma mesa de jogos descompromissados e outra para jogos “sérios”, em que são permitidas apostas⁴. A sinuca é extremamente valorizada no Bar do Morro, de modo que certos jogos chegam a mobilizar todo o seu público, tornando-se motivo de conversas, amizades e desacordos que se atualizam a cada partida disputada. Já à escova se destina uma conduta mais reservada, caracterizada pelo distanciamento dos jogadores, que são, em regra, dois dos outros fregueses do bar.

3 Trata-se de um jogo de cartas. Cada jogador possui quatro cartas nas mãos que deve combinar com as cartas “da mesa”. Há uma série de regras, como naipes e números de maior valor, mas o objetivo maior é somar 15.

4 As apostas baixas giram em torno de um ou dois reais, enquanto as altas chegam a cinco reais.

Os frequentadores do Bar do Morro são majoritariamente homens, e grande parte deles entre quarenta e sessenta anos de idade, sendo raros aqueles que se encontram aposentados. Eles trabalham como pedreiros, eletricitas, carpinteiros, mecânicos, cobradores de ônibus, marceneiros, motoristas, jardineiros, carteiros, etc. A maioria desses indivíduos pertence às camadas “populares”, distinção que se fundamenta em uma classificação deles mesmos, referente ao seu estrato social, considerado por eles economicamente mais elevado.

Os hábitos alcoólicos desse público, seja pela preferência por determinadas bebidas, seja pela frequência de consumo, são bastante diversos. A preferência varia de acordo com as bebidas disponíveis no bar: cervejas, claras e escuras; vinhos, brancos e tintos, secos e suaves; cachaças com limão, *bitter*, suco e refrigerante ou pura; destilados em geral, com maior destaque para o uísque e para a vodca. A maior parte dessas pessoas ingere essas bebidas todos os dias; alguns as consomem com menos frequência; e uma parcela ainda menor é, por assim dizer, abstinente.

A frequência dessas pessoas ao Bar do Morro é intensa e constante, e este é, nas palavras delas, um “bar de bairro”. Tal expressão alude a uma relação mais próxima entre os fregueses. Essa classificação é tomada em oposição aos bares “de avenida” ou “de centro”, onde se entende serem a rotina mais rápida e seus frequentadores mais dispersos. Tem-se a ideia de que, nesses locais, a clientela passa menos tempo no bar e não cria, pelo convívio cotidiano, laços sociais mais densos e duradouros.

Silva (1978, p. 83-84), em seu clássico estudo sobre botequins, foi quem realizou essa diferenciação:

Existem alguns tipos de botequins que não possuem freguesia fixa ou, pelo menos, esta é muito reduzida. Em geral situam-se em vias muito movimentadas, em locais visíveis e de fácil acesso. Costumam vender cigarros, café, lanches rápidos, refrigerantes, etc. [...] Pode-se dizer que o outro subtipo é o botequim “por excelência”. [...] e suas características são as seguintes: a maioria dos frequentadores assíduos pertence aos estratos que se costuma chamar “classe baixa” – trabalhadores em construção civil, biscateiros, pequenos funcionários públicos, ambulantes, etc., todos com baixo nível de instrução e reduzido poder aquisitivo [...]. No que se refere à duração e intensidade de frequência é o botequim que apresenta maior número de fregueses constantes.

Silva cria uma tipologia para o botequim, de forma a conceituá-lo em comparação com outras casas de bebida. O autor menciona duas propriedades desse tipo

de estabelecimento: a constância da frequência de sua clientela e seus estratos sociais de pertencimento. Contudo, essas características vão se desdobrar em inúmeras peculiaridades no conjunto da vida social de cada “botequim”. Assim, apesar de o Bar do Morro compartilhar alguns elementos fundamentais que permitem sua identificação com outros bares populares, seu cotidiano é repleto de especificidades, que se referem, entre outros atributos, ao tipo de bairro onde o bar está situado, aos tipos de bebidas alcoólicas de que dispõe, às trajetórias de seus fregueses, à relação que eles têm entre si, ao tempo que passam dentro do bar, aos códigos de socialização (como linguagem, vestuário, gestos, etc.).

Na medida em que havia inserção em campo, com a proposta de participação ativa no cotidiano do bar, primando por conversas informais, longe dos gravadores e dos cadernos de nota, o valor dessas particularidades se tornou cada vez mais evidente. A partir de pequenos detalhes desprovidos de maior significação, passaram a ser concebidas importantes manifestações das formas culturais desse campo, e, logo, configuraram-se como elementos fundamentais para a compreensão das maneiras de beber. Ademais, tais peculiaridades informavam uma conduta que diferia da forma como eu estava acostumado a portar-me naquele local. Assim, apesar de já familiarizado com o bar e com sua freguesia, estranhei certos procedimentos costumeiros de sua rotina habitual.

Tais estranhamentos se revelaram importantes pistas para a compreensão do consumo de bebidas alcoólicas, de modo a impulsionar a presente reflexão. E a dificuldade para me comunicar com meus interlocutores da pesquisa foi a primeira manifestação desse estranhamento. O problema adveio do interesse nas sutilezas de suas falas, conduzidas por expressões que desconheço e preenchidas por pequenos detalhes, porém tão densos de significados ao ponto de seu entendimento alterar o conteúdo da informação que era transmitida.

O ritmo da conversa também dificultava a compreensão do que era dito: trata-se de uma fala ora rápida, ora devagar, ora recheada de exemplos, outras vezes, direta e ríspida, com expressões distintas e um tom comunicativo que não domino. Entre eles, por sua vez, o entendimento era completo. Ninguém se perdia nas descrições dos casos narrados, e todos compartilhavam os sentidos particulares de determinadas palavras e gestos. Sabiam como se portar e o que dizer nas diversas situações que envolvem o ser e o estar no bar.

A falta de domínio desses códigos deu origem a alguns desentendimentos e embaraços durante a convivência de campo. O momento da despedida dos colegas de bar é ilustrativo dessas situações. Quando, por exemplo, um sujeito avisa no Bar do Morro que está “de saída”, pode ainda demorar por volta de meia hora ou mais

para pagar sua conta e retirar-se do estabelecimento. Já eu, em situação idêntica, não demorava mais que cinco minutos para, de fato, ir embora.

Assim, houve mais de uma situação em que anunciei que estava de saída, e a pessoa que conversava comigo continuou a discorrer sobre o assunto em pauta, sem perceber que eu realmente estava indo embora naquele exato momento.

Esse tipo de situação se vincula a outro estranhamento vivenciado durante o trabalho de campo, referente às diferenças entre meus interlocutores e eu, no que concerne ao tempo que despendíamos no bar. A quantidade de tempo que essas pessoas empregam nesse local me intrigava profundamente.

Percebe-se que elas passam realmente muito tempo lá. Vão ao bar todos os dias e durante várias vezes. Nos finais de semana, chegam ao bar no início da tarde e lá se demoram até o fim da noite.

Durante a semana, o bar faz parte de suas rotinas diárias: quando saem de casa, seja para fazer compras, passear, chegar e sair do trabalho, seja por qualquer outro motivo, o bar é sempre “caminho”. Assim, de forma geral, o tempo que os fregueses habituais do Bar do Morro se estendem nesse estabelecimento é muito diferente do meu, de modo a me parecer estarmos no bar em diferentes temporalidades.

Tal sensação está relacionada às diferentes formas de como eu e meus interlocutores concebemos e utilizamos o Bar do Morro. Na medida em que sua freguesia habitual concebe e se apropria de seu espaço de modo diferente do meu, o tempo que empregamos ali também será concebido diferencialmente.

Para Roberto DaMatta (1997), a concepção de tempo deve ser pensada na relação com a concepção de espaço, entendendo essas duas medidas como categorias sociológicas. Desse modo, o estranhamento que advém dos tempos despendidos no bar está intimamente relacionado com as diferentes apropriações de seu espaço: para mim, um ambiente a ser frequentado esporadicamente e também o universo de pesquisa deste estudo, e, para os outros fregueses, um local de convivência cotidiana e diária. A dimensão espacial está, então, “embebida” dos valores sociais respectivos aos grupos que utilizam o local.

Tornou-se imprescindível, portanto, uma reflexão centrada no próprio Bar do Morro. E só há como visualizar diferentes unidades de tempo, porque elas estão ligadas a uma atividade social bem demarcada em um espaço socialmente definido (DaMatta, 1997). Assim, as concepções atribuídas ao consumo de bebidas alcoólicas estão vinculadas às representações do espaço em que o consumo é praticado. Isso faz com que, para a compreensão das maneiras de beber nesse campo, seja necessário também atentar para o significado do próprio bar onde sua prática se realiza.

Foi, então, por esse rumo, tratado a seguir, que a presente análise passou a ser conduzida: pensar o significado do Bar do Morro para seus frequentadores, bem como sua relação com o próprio bairro onde esse estabelecimento está localizado.

PEDAÇO E PERTENCIMENTO

Em uma oficina mecânica situada a uma quadra do Bar do Morro, Paulo, interlocutor de participação importante nesta pesquisa, revelou que desejava se distanciar do bar em função do “trago”, que, em seu entendimento, estava “pesado”. Todavia, seu afastamento não consistiu somente em parar de frequentar o estabelecimento, de modo que também pediu demissão de seu emprego, nessa mesma oficina mecânica. Contou-me que, se era sua intenção diminuir o consumo de bebidas alcoólicas, de nada adiantava abdicar da convivência diária com seus amigos no bar e continuar a trabalhar naquele local, uma vez que também significava um espaço de socialização para essas pessoas. Tal atitude, para ele, não acarretaria de fato um distanciamento.

Esse diálogo é importante por indicar que as relações sociais entre os frequentadores do Bar do Morro não se restringem a esse ambiente; elas se realizam também em outros espaços. Fazem parte de sua freguesia habitual, por exemplo, tanto o dono dessa oficina mecânica quanto os outros três homens que ali trabalham. Desse modo, a oficina é praticamente uma extensão do bar, sendo também uma importante referência para sua clientela: além de ser a indicação imediata para problemas relacionados a automóveis, é normal que outros fregueses, indo ou saindo do Bar do Morro, ainda parem ali para conversar e beber, de modo a fazer dessa oficina um ponto de encontro paralelo ao bar.

Há ainda outros espaços constitutivos dessa sociabilidade. Por exemplo, também é um local expressivo a padaria localizada ao lado do bar. Como a lanchonete do bar raramente está funcionando, por volta das dezoito horas, é comum ver os fregueses saírem do bar em direção à padaria, para voltarem com sacolas de pães, bolachas ou doces que vão comendo aos poucos, entre uma bebida e outra.

Nesse sentido, também são localidades de destaque uma barbearia localizada na mesma esquina do bar, uma igreja evangélica situada na rua de trás e, inclusive, a casa de alguns fregueses. Ademais, festas de família, churrascos aos fins de semana, casamentos, viagens ao litoral gaúcho, aniversários, torneios de sinuca e também funerais são outros eventos sociais que caracterizam essa sociabilidade e a fazem transcender o tempo e o espaço do bar.

Entretanto, a centralidade do Bar do Morro não é esvaziada em função da expansão dessas relações sociais para outros ambientes, nem pela ocorrência de outros eventos além do encontro diário no bar. Pelo contrário, a permanência de sua clientela, não obstante as sucessivas elevações nos preços dos serviços (principalmente fichas de sinuca e bebidas alcoólicas), fruto de consecutivas alterações na estrutura do local (entre as mais significativas, estão a instalação da “lancheria”, uma reforma que ampliou seu espaço interno, a aquisição de uma televisão e a substituição de antigas mesas de sinuca por novas), já sugere uma relação com o bar que transcende o consumo de bebidas alcoólicas.

Outra indicação da qualidade dessa relação é perceptível logo na entrada do bar, onde se observa uma colagem de fotos, antigas e recentes, de modo a reconstituir uma trajetória do estabelecimento (as diversas passagens e os momentos do bar ao longo do tempo).

O Bar do Morro é, de fato, bastante significativo para as pessoas que o frequentam. Nesse sentido, é perceptível o sentimento de pertencimento que emerge dessa relação. Atentei para essa dimensão quando percebi que a presença no bar é responsável por definir aqueles que estão incluídos ou não nessa sociabilidade.

Por exemplo, por comentário, contaram-se que Mario, certo dia, por exceder-se ao beber, desentendeu-se seriamente com o caixa do bar. Como este era o genro do dono do estabelecimento, Mario acabou por ser expulso do local e não voltou mais a frequentá-lo. Essa história, na qual Mario era lembrado como um sujeito “muito alegre e muito brincalhão”, foi-me narrada de forma nostálgica e saudosa. Contudo, apesar da falta que sua presença causava no bar, a suspensão de sua convivência no ambiente determinou seu afastamento dessa relação social.

No entanto, o contrário da experiência de Mario também é válido, o que pude perceber com o decorrer de minha própria trajetória. À medida que, em razão desta pesquisa, minha frequência ao bar foi se tornando cada vez mais assídua, minha inserção nessa sociabilidade também passou a ser mais intensa.

O bar, assim como sua clientela, foi se tornando um lugar cada vez mais familiar: passei a ser “convocado” para jogos e torneios de sinuca, havia a requisição da opinião nas conversas “quentes” do bar, assim como passei a ser convidado para assistir aos jogos de futebol que eventualmente são ali transmitidos. Se, antes, eu transitava pelo bairro sem reconhecer as pessoas que passavam por mim, com o tempo, ficou comum parar para conversas rápidas com conhecidos que encontrava pelo caminho.

O sentimento de pertencimento também é perceptível em desentendimentos e conflitos que ocorrem no bar. Dessas situações, entre outros acontecimentos, estou

lembrado do caso de Pedro. Este, por ser antigo cliente do Bar do Morro, certa vez, sentiu-se com autoridade para pedir a um grupo de jovens que diminuísse o “barulho” no jogo de sinuca, pois eles “perturbavam o ambiente”. Tal atitude teve por consequência um desentendimento bastante grave. Pedro se machucou seriamente e teve que ser recolhido do bar. O acontecido gerou indignação entre as outras pessoas presentes, que, conjuntamente com o dono do bar, expulsaram e não permitiram mais a entrada de tais jovens no local.

É possível perceber, a partir desses exemplos, dois aspectos fundamentais que caracterizam a relação entre o Bar do Morro e seus frequentadores: a expansão das relações sociais destes ao tempo e ao espaço do bar e o papel central desse estabelecimento na configuração dessa sociabilidade.

Essas propriedades resultam na própria emergência do bairro como um espaço significativo para esse campo. Nesse sentido, um diálogo bastante expressivo (aproveitado no título deste artigo) foi quando, conversando com Jorge – outro interlocutor de contribuição valiosa para este estudo – perguntei-lhe como ia seu novo trabalho e se ainda possuía tempo para visitar o bar. Jorge me respondeu enfaticamente: “Não dá *pra* sair do morro! A gente pode até ficar um tempo sem vir em função do trabalho ou de outros compromissos, mas sempre consegue tempo para voltar”.

Ele seguiu discorrendo sobre sua vida no bairro, onde estão todos os seus amigos, familiares e lugares marcantes, dos quais não há como se desligar. Esse tipo de afirmação foi constante nas conversas em campo.

Ao serem perguntados sobre a história de sua frequência no bar, era comum que as respostas de meus interlocutores deslizassem, quase que imperceptivelmente, por seus tempos de moradia no bairro.

Nesse ponto, a noção de “pedaço”, de José Guilherme Magnani (1984), é válida para a compreensão da propriedade espacial que essa sociabilidade dimensiona. O “pedaço” se constitui como uma intrincada rede de relações formada por laços de parentesco, vizinhança e coleguismo, dimensionando uma ordem espacial, de forma a proporcionar um sentimento de pertencimento e territorialidade:

O pedaço designa um espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas pela sociedade. [...] São espaços territoriais e socialmente definidos por meio de regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivos de relações (MagNaNi, 1984, p. 38-139).

As relações sociais entre os fregueses do Bar do Morro dimensionam uma ordem espacial porque são extremamente vinculadas ao espaço onde se realizam. O Bar do Morro não está isolado de outros espaços territoriais de sua localidade, assim como também não se dissolve em meio a eles. Trata-se, por sua vez, de uma referência fundamental para a configuração do “pedaço”: proporciona coesão entre seus diversos domínios espaciais, configurando um sentimento de pertencimento que define os limites e a extensão de sua sociabilidade.

A sociedade a que Magnani faz referência ao elaborar o conceito de “pedaço” é uma entidade que dificulta as relações sociais mais permanentes. Por serem frágeis instituições e pela alta rotatividade de seu mercado de trabalho, essa sociedade impede a consolidação de uma sociabilidade consistente e significativa. Dessa forma, principalmente para os segmentos sociais populares, mais dependentes desse tipo de relação, é no espaço de moradia que essa sociabilidade mais densa e duradoura se realiza (MagNaNi, 1984).

Essa qualidade fundamental da identidade do “pedaço”, que designa o caráter de sua sociabilidade, é de extrema importância para o campo que descrevo, traduzindo-se, entre os fregueses do Bar do Morro, em diversas formas de reciprocidade e de mútuo auxílio.

Quando alguém está desempregado, por exemplo, passa a frequentar o bar por mais tempo do que o habitual. Isso não se deve à “desocupação”, como às vezes reclamam os fregueses de serem acusados, mas ao fato de, por meio de contatos pessoais ali estabelecidos, terem a possibilidade de adquirir novos empregos.

Nesse sentido, também são comuns os pequenos empréstimos monetários, com a finalidade de adquirir bebidas alcoólicas no bar. Esses pagamentos eventuais são apenas parte de uma forma mais ampla de reciprocidade, enquanto modalidade de relacionamento social. Estão incluídos em um sistema de trocas mais vasto, que envolve fichas de sinuca, cigarros, isqueiros, roupas, móveis, eletrodomésticos, comidas, serviços (como consertos relativos à profissão dos fregueses, que incluem ajustes no carro, encanamento, serviços de elétrica ou, ainda, auxílios referentes à “papelada” de processos burocráticos) e, inclusive, moradia (seja na casa dos fregueses, de conhecidos destes, seja até mesmo na oficina mecânica).

Nesse sentido, o caso de Dario, freguês antigo e habitual do Bar do Morro, é também pertinente de ser relatado. Há três anos, Dario teve um acidente de carro que lhe provocou a quebra da perna e o impediu de trabalhar por seis meses. Como Dario trabalhava temporariamente, ficou sem dinheiro para financiar o tratamento, que incluía cama especial, muletas, remédios e fisioterapia. Na época, houve grande comoção e mobilização no bar para sua recuperação, que contou com

a contribuição financeira dos outros fregueses, angariada por meio de churrascos e anúncios postos nas paredes do bar, descrevendo sua situação.

Essa concepção de bares populares como espaços territoriais nos quais laços sociais intensos são criados também foi abordada por outros autores. Silva (1978) afirmou semelhante proposição, ao concluir que a frequência ao bar é, em si, um esforço por parte do indivíduo para se incluir em uma sociedade cujas novas e tradicionais organizações de sustentação (como o trabalho, a cultura de consumo, a família e a comunidade) não são suficientes para ampará-lo:

Em primeiro lugar, o botequim pode ser um mecanismo de sustentação, porque tem condições de conceder o sentimento perdido de comunidade. Ele cria profundos laços comuns entre uma minoria: os componentes dos estratos inferiores que são “adeptos do álcool”. Necessidades de natureza econômica tornam-no muito importante, além de provocarem estreitas relações de cooperação (Silva, 1978, p. 112).

Magnani também faz referência à importância desse tipo de bar para o estabelecimento e reforço das “relações grupais”, que se traduzem em uma sociabilidade marcada pelo auxílio recíproco: “o bar funciona ainda como lugar de troca de informações (onde e como tirar documentos, oportunidades de trabalho), contratação de serviços (pedreiro, encanador, electricista), discussão sobre qualidade e preço de materiais para construção, etc.” (Magnani, 1984, p. 144).

Em suma, para os fregueses do Bar do Morro, ser do “pedaço” é frequentar esse bar específico, e frequentá-lo é pertencer a algo, estar incluído em uma rede de relações que se faz presente tanto no financiamento de bebidas alcoólicas, quando não é mais possível bancá-las, quanto no fornecimento de oportunidades de emprego ou na disposição de locais de moradia. Para pessoas cuja grande parte dos problemas diários advém dessas dimensões, possuir esse tipo de pertencimento é muito importante e significativo. Portanto, é no espaço específico do Bar do Morro que essa sociabilidade é adquirida, realizada e produzida. Apesar de se estender para outros domínios, é ali que será significativamente configurada e preservada.

O sentimento de pertencimento entre o Bar do Morro e sua freguesia, o papel desse estabelecimento na dimensão do “pedaço” e o tipo de sociabilidade que ali emerge possuem implicações fundamentais nas concepções dos usos e abusos do álcool entre as pessoas, referentes ao próprio valor conferido a esses elementos. Tais questões são discutidas a seguir e têm como ponto de partida a própria preferência conferida ao bar para o consumo alcoólico.

SOCIABILIDADE E CONTROLE

Durante o trabalho de campo, Pedro afirmou que, certa vez, havia ganhado de presente “vários garrafões de vinho” e “várias cachaças”. Contudo, havia mais de ano, essas bebidas estavam estocadas em sua casa, e não eram consumidas. Havia certo orgulho em sua postura ao explicitar tal fato. Perante minha interjeição de espanto, ele levantou o tom de voz e afirmou: “Te digo uma coisa, eu não sou homem de ficar bebendo em casa! Só bebo em bar!”.

Em outra conversa, Jorge me contou que o principal motivo de sua carreira como futebolista profissional ter fracassado havia sido a cachaça. Seguiu relatando-me que somente bebe vinho, por considerar uma bebida mais “fraca”. Para exemplificar sua decisão e demonstrar o controle que tinha sobre a bebida, também afirmou que possuía garrafas de cachaça que não bebia guardadas em casa, servindo somente para suas visitas.

Esses exemplos, pequenos trechos de conversações mais longas e densas, poderiam ser mais numerosos, em função de casos semelhantes registrados em campo. Eles possuem em comum a presença de bebidas alcoólicas dentro da casa dos sujeitos. Contudo, o intuito de fazer alusão ao fato é tão somente destacar a escolha por não as consumir.

Elas objetivam exemplificar a opção e a preferência pelo bar, em oposição à casa, para o consumo de bebidas alcoólicas. Há, nessas atitudes, uma noção fundamental para o entendimento das maneiras de beber no Bar do Morro: a permissão de beber no bar, socialmente, em relação à proscrição de beber em casa, solitariamente.

A partir da compreensão dessa transgressão fundamental que constitui o beber em casa, várias outras proibições referentes ao consumo de bebidas alcoólicas no Bar do Morro tornaram-se inteligíveis. Por exemplo, chegar embriagado ao bar e não conseguir participar da dinâmica que envolve suas relações sociais é uma conduta extremamente reprovada nesse estabelecimento. Também é censurado aquele indivíduo que não retribui a ajuda de outro freguês, quando este lhe financia o consumo de bebidas alcoólicas. Fere-se, desse modo, a reciprocidade que pauta essa sociabilidade.

A mesma lógica é válida para interpretar quem bebe “fiado⁵” e não paga ao dono do estabelecimento. Beber sozinho no bar, brigar com outros fregueses, tropeçar ou cair “de bêbado” são também atitudes que, se acabam por constituir

5 “Fiado” significa comprar algum produto de modo a pagar posteriormente por ele.

parte do comportamento habitual de uma pessoa, demarcam no Bar do Morro uma maneira negativa de beber.

Todas essas transgressões apresentam em comum uma desconsideração para com os outros fregueses do bar. É justamente por submeterem a qualidade dessa relação social ao consumo de bebidas alcoólicas que tais atos configuram uma maneira inapropriada de beber. Tal constatação aponta para uma desconexão entre essa sociabilidade e seu elemento mais básico, denotado pelas bebidas alcoólicas. Portanto, não obstante elas se apresentarem como o conteúdo mais elementar dessa sociabilidade, esta não necessariamente se encontra subordinada ao seu consumo.

Nessa questão, Simmel (1983) fornece um importante instrumental teórico para evitar a redução das formas de sociabilidade a uma razão instrumental, conflagrada por interesses utilitários e justificáveis. Para Simmel, o conceito de “sociabilidade” designa uma forma lúdica de “sociação” desprendida dos conteúdos que originalmente a motivaram.

De acordo com o autor, a intenção fundamental da sociabilidade não se revela em resultados práticos ou objetivos, mas sim na formação de uma unidade entre os que dela participam. Nessa perspectiva, a sociabilidade é um fim em si mesmo, sendo suficiente para seus membros estarem “sociados”.

Desse modo, nas interações sociais entre os indivíduos, a forma não está subjugada pelo conteúdo, mas sim o contrário, sendo este subordinado à sua forma.

A partir dessa perspectiva, é possível visualizar a posição que a sociabilidade “de bar” ocupa nas maneiras de beber entre essas pessoas. Em função de sua dimensão significativa, referente ao próprio sentimento de pertencimento que evoca, essa relação se apresenta como um domínio que deve ser preservado quanto ao consumo de bebidas alcoólicas.

Desse modo, no que se refere às maneiras de beber, o valorizado nessa sociabilidade é sua própria coesão, cuja ruptura qualifica o beber problemático. Trata-se, então, de um valor fundamental que orienta e configura as maneiras positivas e negativas de beber.

Portanto, o consumo de bebidas alcoólicas está submetido às relações sociais que produz, e estas se traduzem em profundos laços sociais conformados por formas de reciprocidade que, de modo nenhum, devem ser rompidos por sua prática. Ou seja, na medida em que a sociabilidade é a condição para o consumo alcoólico, ela também é seu limite.

Tal concepção implica beber na interação social, na companhia dos outros fregueses, participando das conversas em pauta e fazendo parte da vida social do bar. Em suma, o beber alcoólico é entendido com uma prática positiva, quando

realizado no bar, entre seus frequentadores, de modo a não prejudicar a sociabilidade que nele se torna possível.

Essa relação entre substâncias psicoativas e sociabilidade, em que a positividade da sociabilidade indica o tipo de relação dos indivíduos com as substâncias psicoativas, foi compreendida de modo semelhante em outros trabalhos do campo das Ciências Sociais. Maurício Fiore (2002) afirma que a manutenção das relações sociais de um usuário de drogas também é um dado significativo para o pensamento médico, no momento da qualificação de um paciente como dependente químico. Neves (2003, p. 80) propôs que há a “recorrente valorização do homem que sabe beber sem se alcoolizar e sem interferir no desempenho dos papéis a ele atribuídos”. Guedes (1997), por sua vez, observou que a perda da identidade de homem/trabalhador demarca uma fronteira que indica o uso problemático de bebidas alcoólicas. Já Laércio Fidelis Dias (2008) demonstrou que a embriaguez inadequada entre os povos indígenas do Uaçá, entre outras consequências, provoca a desunião e brigas na família e entre amigos.

Esse atributo da sociabilidade “de bar” informa ainda outra propriedade para as maneiras de beber no Bar do Morro. Na medida em que a ruptura dessa sociabilidade qualifica beber problemáticamente, construir uma relação social pautada pelo consumo alcoólico desloca a centralidade do álcool em seu potencial para afetar essa mesma sociabilidade. Dessa forma, a própria opção por beber no bar é uma forma de controle sobre essa concepção de excesso no consumo de bebidas alcoólicas.

Essa oposição se tornou evidente nas respostas que me eram oferecidas por meus interlocutores, quando lhes perguntava por que preferiam aquele estabelecimento para beber. De forma geral, suas explicações se direcionavam para duas afirmações: ser ali o local para estarem com os amigos, pessoas queridas, de cuja companhia desejavam desfrutar em momentos agradáveis; e que beber no Bar do Morro era uma maneira de evitar fazê-lo em casa, onde mais facilmente poder-se-ia perder o controle sobre essa prática, propriedade que adquiriam no bar, bebendo na companhia de outras pessoas. Ou seja, nessas afirmações, frequentar o bar já é refletido como uma ação consciente de não transgredir as fronteiras de um beber adequado para sua contraposição problemática.

O desenvolvimento do hábito rotineiro de beber, ao naturalizar tal prática, também evita seu destaque nas interpretações dos mais variados problemas relacionados ao álcool que surgem no cotidiano do bar. Silva (1978) percebe essa relação quando afirma que, em função de seu caráter diário nos botequins, a embriaguez é mais naturalizada nesses estabelecimentos do que em bares de “classe média”.

Segundo o autor, enquanto nesses bares é comum ouvir comentários do tipo “deixe fulano de lado, ele está bêbado”, nos botequins, com muito custo o consumo alcoólico é ressaltado nas atitudes de um sujeito.

Em suma, é por esse fato de a sociabilidade dos fregueses do Bar do Morro transcender o consumo de bebidas alcoólicas que essa se torna uma forma de controle sobre essa prática. Neves (2003, p. 80) afirma semelhante proposição, ao conferir a qualidade de controle social àqueles que “bebem em grupo”:

A definição do contexto possível já é indicadora das formas de controle social. Beber em grupo é uma forma de controle social sobre o uso individual, pois a essa prática se integram símbolos sociais, sentimentos e atividades. Beber em grupo é uma atividade social referenciadora do fato de que as pessoas que bebem sozinhas são mais controladas, inclusive pela acusação do desvio ou do alcoolismo.

A sociabilidade “de bar” se revelou um valor basilar na construção das prescrições e proscricões que conformam as maneiras de beber entre as pessoas que frequentam o Bar do Morro. O consumo de bebidas alcoólicas deve ser praticado de modo a conservar e produzir a sociabilidade que torna possível. É nesse sentido que diversas ações aqui referidas, como chegar embriagado ao bar, beber em casa, cair “de bêbado” ou não retribuir pagamentos referentes às bebidas alcoólicas, entre tantas outras atitudes, foram interpretadas como próprias de um modo negativo de beber.

EXCLUSÃO E INCLUSÃO: O DIVERGENTE

É a partir do momento em que tais transgressões passam a constituir o modo habitual de beber de certas pessoas, no Bar do Morro, que há a criação do divergente. Dessa forma, uma específica categoria de fregueses é produzida no estabelecimento, cuja designação comporta um variado repertório de expressões: trata-se dos “bêbados”, “pinguços”, “paus d’água”, “borrachos”, “cachaceiros”, etc. São pessoas desviantes dos modos de beber compreendidos como apropriados e, conseqüentemente, marginalizadas e estigmatizadas dentro dessa sociabilidade “de bar”. Apesar de esses “tipos” serem recorrentes e familiares a todo um imaginário nacional, e ainda que existam possíveis semelhanças em suas representações em outras sociabilidades, eles emergem no Bar do Morro de modo peculiar.

Foi possível perceber a intensidade e a força dessas categorias nesse bar, quando presenciei a desastrosa chegada de um sujeito não só já intensamente

embriagado, como também reconhecido por esse tipo de conduta. Transitava cambaleante e com dificuldade pelo bar, e seus cumprimentos aos outros fregueses, demasiado longos e efusivos para os padrões convencionais dali, eram ignorados, de modo a lhe ser negado o mero encontro de olhares. Faltavam-lhe as palavras, assim como a coordenação motora para manter-se em pé. Pareceu que ali estava um ser abjeto, desprovido de qualquer significação, uma espécie de fantasma. Tal analogia só foi por mim abandonada quando da repulsa dos ali presentes à sua companhia, veementemente repelida às troças e aos empurrões para um canto isolado do bar.

Silva (1978, p. 88) também descreve um “tipo” semelhante:

Existe um tipo de frequentador, este sim, bastante marginalizado. Trata-se do indivíduo nos últimos estágios do alcoolismo, que está invariavelmente muito embriagado. Nesses casos, o freguês é de tal modo ridicularizado, as brincadeiras de que é vítima são tão ofensivas, que na maioria das vezes o indivíduo permanece no botequim apenas o tempo necessário para consumir em cachaça o pouco dinheiro que tem. E mesmo isto, quando a embriaguez não é total, pois nesses casos o proprietário ou gerente se recusa a lhe vender qualquer bebida.

Tais situações se referem à marginalização, excessivamente explícita nesses casos, daquele que é desviante dos modos adequados de consumo alcoólico. No Bar do Morro, esse processo se realiza por meio de múltiplos mecanismos, que podem incluir desde deboches, piadas e xingamentos, até advertências, conversas “sérias” ou mesmo intervenções.

Esses sujeitos são excluídos de certos domínios dessa sociabilidade “de bar”: são proibidos de participar dos jogos de sinuca, não ganham mais bebidas de outros fregueses, não são mais convidados para eventos sociais externos ao bar e são, inclusive, restringidos na compra de bebidas alcoólicas ali dentro. Destarte, o consumo de bebidas alcoólicas instaura novas formas de pertencimento e gera novos modos de exclusão e inclusão social, estigmatizando aqueles divergentes dos modos positivos de beber (Neves, 2003).

Contudo, é importante perceber que os desviantes não se encontram “fora da cultura” e não são divergentes por possuírem outros referenciais simbólicos que não aqueles compartilhados pelos outros membros do grupo. De acordo com Gilberto Velho (1985), esses indivíduos fazem uma leitura diferente da cultura, possuindo outra interpretação das regras sociais.

Nessa perspectiva, o desviante não existe em si mesmo, mas somente na relação com o outro. Os grupos sociais, então, produzem o divergente ao estabelecer as regras cuja infração qualifica o desvio (VELHO, 1985). Essa ponderação é importante para perceber que o sujeito que diverge nas maneiras de beber pode não o fazer em outros aspectos da vida social.

Assim, apesar de a marginalização do “bêbado” consistir em um processo bastante significativo e, por vezes, demasiadamente agressivo, não acarreta uma exclusão total dessa rede de relações sociais. Embora esses indivíduos percam a estima no momento da vida social que se refere ao encontro cotidiano no bar, permanecem pertencentes ao “pedaço”, que inclui o bar em sua dimensão. Portanto, continuam a frequentá-lo, assim como também transitam por outros espaços constitutivos dessa sociabilidade. E é exatamente a frequência ao Bar do Morro que fortalece e reafirma esse pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tratou do consumo de bebidas alcoólicas praticado no Bar do Morro por sua rede de fregueses habituais. A pesquisa objetivou compreender, nessa medida, em que se constituem as maneiras positivas e negativas de beber para essas pessoas, bem como quais transgressões delimitam tais fronteiras e que valores conferem sentido a tais noções. Foram aqui expostas, então, as respostas para as indagações supracitadas, de modo a reconstituir o percurso etnográfico por mim desenvolvido ao longo desta reflexão.

Desse modo, o ponto de partida foi a conjuntura em que o consumo de bebidas alcoólicas é realizado. A relevância das concepções e apropriações do espaço do bar, informadas pelas diferenças de tempo que eu e meus interlocutores despendíamos nesse local, levaram a uma análise centrada na sociabilidade que se realiza nesse “pedaço”.

O Bar do Morro se revelou um território destinado à realização de uma sociabilidade que preenche os vazios dos sujeitos com as intensidades das relações permanentes que ali se produzem.

Conclui-se, assim, que essa sociabilidade é um valor fundamental para as maneiras de beber nesse campo, que configura as permissões e transgressões dessa prática. Por fim, afirmei que o consumo de bebidas alcoólicas instaura novas formas de pertencimento nessa relação social. Entretanto, apesar de as transgressões das maneiras de beber repercutirem na exclusão dos desviantes de certos domínios dessa sociabilidade, elas não acarretam o distanciamento do “pedaço”.

Como espécie de *bricoleurs*, a partir de elementos diversos e fragmentados, essas pessoas constroem algo novo: suas próprias concepções sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Criam, assim, trajetórias alternativas em suas relações com o álcool. As regras sociais que orientam seu consumo são produzidas conforme essas compreensões.

Dessa forma, o esforço neste estudo foi perceber por que modos esses elementos configuram prescrições e proscições nas maneiras de beber vigentes no Bar do Morro. Contudo, tais regras não se configuram para essas pessoas como medidas restritivas, cuja finalidade se funda na coerção de uma vontade indomável de beber; são, por outro lado, produtoras de sentido: as formas encontradas por elas para dar significado à prática social de consumir bebidas alcoólicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DaMatta, Roberto. *A casa e a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- Dias, Laércio Fidelis. Usos e abusos de bebidas alcoólicas segundo os povos indígenas do Uaçá. In: Labte, Beatriz Caiuby et al. (Org.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: eDufba, 2008.
- fiore, Maurício. *Algumas reflexões a respeito dos discursos médicos sobre uso de “drogas”*. In: ENCoNtro ANuaL Da associação NacioNaL De Pós-grADuação e Pesquisa eM CiêNcias Sociais, 26. Caxambu, MG. *Anais...* São Paulo: aNpocs, 2002. CD-ROM. Disponível em: <<http://siteantigo.neip.info/downloads/anpocs.pdf>>. Acesso em: 19/05/2010.
- gueDes, Simoni Lahud. *Jogo de corpo*. Niterói: eDuff, 1997.
- Lopes, Adriana D.; Magalhães, Naiara. A bóia da prevenção. *Veja*, São Paulo, v. 2129, n. 36, p. 86-93, set. 2009.
- MagNaNi, José Guilherme C. *Festa no pedaço*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Neves, Delma Pessanha. O consumo de bebidas alcoólicas: prescrições sociais. *BIB*, São Paulo, n. 55, p. 73-98, 1º sem. 2003.
- siLva, Machado Luiz A. O significado do botequim. In: Kowarick, Lúcio (Org.). *Cidade: usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- siMMeL, Georg. *Sociologia*. Organização Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- veLho, Gilberto (Org.). *Desvio e divergência*. Uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.